

APRESENTAÇÃO

A presente edição dos **Cadernos CESPUC** de Pesquisa coloca à disposição dos leitores algumas das reflexões produzidas no âmbito das pesquisas desenvolvidas no Programa da Pós-graduação em Letras da PUC Minas, elencadas sob o tema das dinâmicas culturais e literárias a partir das quais a África é pensada hoje. Nesse sentido, intenta discutir conceitos e ideias a partir dos quais as literaturas africanas de língua portuguesa se constroem, refletindo, ao mesmo tempo, sobre os diálogos que ela promove com os horizontes políticos e sociais. Espera-se, com o conjunto dos textos aqui apresentados, contribuir, em alguma medida, com a necessidade de se discutir a formação das literaturas africanas de língua portuguesa considerando-as como resposta, no plano da estética, aos problemas colocados pelos contextos históricos que cercam suas produções.

Nessa perspectiva, os textos desta edição dos **Cadernos CESPUC** de Pesquisa revisitam e exploram projetos estéticos ligados às relações entre as matrizes da oralidade e a escrita literária, vínculos entre a literatura e os projetos de identidade nacional, articulações entre as matrizes das tradições orais e a dicção da modernidade, dentre outros aspectos, com atenção especial para as perspectivas dessa literatura na atualidade.

No artigo “A Disseminação em **As mulheres de meu pai**, de Agualusa”, Adriana dos Reis Silva procura mostrar que o texto de Bhabha ilumina dois grandes temas fundadores da literatura de Agualusa: o da narração de uma sociedade ocidental moderna e sua híbrida articulação e/ou imbricação entre diferentes, e por vezes conflitantes, identidades culturais – sejam estas de gênero, raça, etnia ou classe, e o do processo autorreflexivo deste fazer narrativo que, por meio de sua intrincada tessitura, põe em xeque elementos de ordem textual como gênero, narrador e ponto de vista. A estudiosa contempla, com esta interpretação, a tensão fundo/forma de uma escrita na qual a complexidade do processo de construção da identidade nacional e cultural, em África, é resgatada e distendida a partir da ótica de diversos personagens-narradores, variando, nos mais diversos graus, entre o estereótipo e a negação.

Em “Memória social e estratégias literárias em contos de Manuel Rui”, Francielle Nogueira Fernandes Teodoro discute as estratégias literárias que encenam as relações entre os textos e o contexto social nos contos “De um Comba”; “O rei dos papagaios” e “A grade”, da obra **1 morto & os vivos** (1992), do escritor angolano Manuel Rui, destacando o fato de as narrativas literárias selecionadas possibilitarem o contato do leitor com as crenças, os valores e os costumes dos angolanos e com os recursos textuais utilizados para encenar essas questões.

Em “Oralidade, narrativa fragmentada e hibridismo de códigos em ‘Mona Kasule é Ngamba’”, de Boaventura Cardoso, Joyce Rodrigues Silva Gonçalves propõe uma breve análise do conto do escritor angolano, procurando demonstrar que a narrativa constitui-se de

enredos múltiplos e de várias histórias fragmentadas que se entrelaçam, explicitando, em cenas em que se realça um hibridismo de códigos linguísticos recorrentes, a prática rotineira dos musseques angolanos.

O artigo “Memórias infantojuvenis, em **Bom dia camaradas**, de Ondjaki”, de Anna Maria Claus Motta, investiga essa obra da literatura angolana procurando mostrar como o passado, transcrito, é ponto para reflexão, e como a memória literária constitui matéria vasta, que funciona como um lugar onde se confrontam experiências através das quais se processam os traços de uma forma literária capaz de abordar a totalidade da vida reclamada pelo homem em sua historicidade. Também o estudioso Luís Campos investiga a obra do escritor angolano Ondjaki, desta vez no artigo “Uma alternativa multicultural no céu angolano”, que retoma as questões do hibridismo e da oralidade na recepção crítica dos autores africanos e busca aplicar esses no conto “Pássara Ritita: a nuvem”. Para o estudioso, Ondjaki, no conto em questão, elabora uma visão sobre a tradição oral angolana como fonte importante de relatos que podem ser apropriados pela literatura porque respondem melhor às questões prementes da atualidade do que o pensamento racional ocidental, que se impõe através da escrita e dos meios de comunicação.

O romance **Terra sonâmbula**, do escritor moçambicano Mia Couto, mereceu a atenção de vários pesquisadores. Em “Um ‘escrevinhador’ de papéis: narrativas mitopoéticas em **Terra sonâmbula**”, Adriano Eysen discute o entrelaçamento entre oralidade e escrita, vendo-as como elementos fulcrais das narrativas mitopoéticas do romance. Para o pesquisador, ao longo da obra, numa linguagem marcadamente poética, o escritor (re) inventa, com carpintaria lírica, uma terra espoliada de sonhos durante dez anos de conflito por uma independência que só viria a ser reconhecida por Portugal em 1975, além de uma guerra civil que perdurava até 1992. Alexandra Loiola Sarmento, em “Diário de uma **Terra sonâmbula**: o encontro entre o velho e o novo”, explora o elo entre o velho e o novo presente nas manifestações poéticas da obra. Para a estudiosa, o encontro de um menino e de um idoso, em luta pela sobrevivência, num cenário destruído pela guerra, alimenta a ficção de histórias e de ações cujo significado alia a realidade a uma dimensão sobrenatural. A partir dessa exploração, a estudiosa procura mostrar que o antigo se transcria diante do novo e, desse modo, contempla o presente e o futuro, enquanto possibilitam refletir sobre aspectos da tradição africana e verificar o impacto da intervenção do colonizador sobre o país. Maria das Graças de Castro Nogueira, em “A tradução nas literaturas africanas de língua portuguesa: a posição de Mia Couto”, trata do ato tradutório na obra de Mia Couto e analisa as estratégias a que o escritor recorreu para reescrever a realidade da língua portuguesa. A estudiosa considera os discursos de alguns teóricos da tradução em sua análise, por apresentarem recursos idênticos aos usados pelo autor para transpor as línguas bantu para o sistema da língua portuguesa. Maria Clark Peres Rabello, em “A construção da identidade em **Terra sonâmbula**, de Mia Couto”, analisa a questão da construção da identidade no romance em questão, acreditando que ele questiona a suposta condição de dependência política e cultural em que se encontram os povos africanos de língua portuguesa. Viviane de Cássia Maia Trindade, em “**Terra sonâmbula**: tradição e renovação num movimento de subversão da língua”, reflete sobre a maneira como a língua portuguesa, imposta pelos colonizadores, é subvertida através da criação literária de Mia Couto. Além disso, busca elucidar algumas estratégias usadas pelo autor ao entrelaçar a tradição e o moderno no exercício de uma escrita oralizada, sem padrões fixos que regularizem esta língua outra. E Leila Rosa Márie Batista da Silveira Maciel,

em “Vozes que retratam a história do povo moçambicano em **Terra sonâmbula**, de Mia Couto”, procura mostrar como a forte devastação causada pela Guerra Civil em Moçambique torna-se, no romance, rico material narrativo que permite ao narrador resgatar o passado para mostrar que, apesar do sofrimento e do caos, ainda há o sonho de um novo recomeço para se conquistar uma vida melhor.

Outros romances de Mia Couto também são investigados neste número. Luciane da Mota Frota, em “O tempo e a memória em **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**, de Mia Couto”, faz uma análise sobre os elementos tempo e memória no romance em questão, mostrando como eles representam o fio condutor da narrativa analisada, sendo fatores de relevante importância inclusive para a compreensão da cultura do povo de Moçambique. Márcia Souto Ferreira, em “Espaços e identidades deslizantes em **Venenos de Deus, remédios do Diabo**, de Mia Couto”, procura observar pontos que considera importantes das culturas europeia e africana e dos trânsitos culturais entre elas, dentre os quais se destacam: as personagens centrais do livro, que são construídas em jogos especulares: o português Sidónio Rosa e o moçambicano Bartolomeu Sozinho, que, ao buscarem um ao outro, refletem-se como portadores de identidades de fronteiras ou, como sugere Boaventura de Sousa Santos, “interidentidades”; Sidónio e Bartolomeu, sujeitos formados nos entre-lugares, “nos excedentes da soma das ‘partes’ da diferença”, nos dizeres de Bhaba. (BHABHA, 2007, p. 20). A estudiosa conclui que esses personagens se formam através dos excedentes das culturas africana e europeia, e ainda, que existe também, entre essas personagens, uma relação que deixa aflorar intensas contradições: Sidónio é um pseudomédico e Bartolomeu um falso doente. No desenrolar do romance, essa situação fortalece-se por outros segredos e enigmas.

Em “Mula-Marmela e Rosa Caramela: a constituição da voz narrativa”, Carlos Vinícius Teixeira Palhares faz um estudo comparativo acerca das personagens principais dos contos “A benfazeja”, do livro **Primeiras estórias**, de Guimarães Rosa, e de “A Rosa Caramela”, publicado no livro **Cada homem é uma raça**, do escritor moçambicano Mia Couto. Explica o estudioso que Mula-Marmela remete à protagonista do conto de Guimarães Rosa, que livra o povo de um mal que pesa sobre o lugarejo, e Rosa Caramela, protagonista do conto de Mia Couto, é uma personagem diferente, pois age de uma maneira excêntrica e é excluída da comunidade onde reside. A partir daí, a análise articula as duas personagens destacando-as pelas suas diferenças e enfatizando o narrador e a construção narrativa de cada conto.

Em “O leitor assiste a dança de Hamina”, Heloisa Alves Braga procura mostrar a performance do texto a partir do conto “Hamina faz haraquiri nos templos da Rua Araújo”, de José Craveirinha. Para a estudiosa, a partir da linguagem, a escrita do conto permite perceber que o leitor não se posiciona apenas como tal, mas também como ouvinte, como espectador. A estudiosa explora as construções linguísticas propostas por Craveirinha para desvelar como as criações de cenários transpõem os limites do livro, operando de forma tão singular que o leitor-ouvinte-espectador pode visualizar a cena apresentada e ouvir o ritmo das narrativas.

No artigo “Virgílio de Lemos e a proposta poética de **Msafo**: diálogos e tradição na poesia moçambicana”, Isabella Lígia Moraes aborda a proposta poética do jornal **Msafo** em seu mais representativo integrante, o poeta Virgílio de Lemos. Nesse sentido, mostra os diálogos estabelecidos pelo poeta com diversos movimentos artísticos externos através de seus heterônimos, o que revela uma identidade construída a

partir da multiplicidade – das ilhas e das formas de expressão poética. A estudiosa procura abordar também a busca da tradição moçambicana e suas “raízes aéreas”, o que coincide com a busca do próprio poema e se manifesta através da metalinguagem.

Lílian Paula Serra e Deus, em “A língua é minha pátria”, evidencia o trabalho que foi feito com a Língua Portuguesa pelos escritores moçambicanos José Craveirinha e Virgílio de Lemos para que nela caibam as vozes e a identidade híbrida de uma cultura com raízes calcadas na oralidade e no multiculturalismo.

Em “Moçambicronicando: uma leitura de **Amor de Baobá**, de Suleiman Cassamo”, Cleonice Aparecida Machado de Freitas busca evidenciar, na obra em questão, em que medida o processo de escrita das crônicas reflete o processo de formação da identidade cultural híbrido de Moçambique.

Jaqueline Teodora Alves Cardoso, em “Narrativas amarilianas: um olhar sobre a condição intersticial dos cabo-verdianos no pós-independência”, evidencia, a partir da análise de contos das obras **A casa dos mastros**, **Ilhéu dos pássaros** e **Cais-do-Sodré Té Salamansa**, de Orlanda Amarílis, em que medida a enunciação do entre-lugar pode ser entendida como estratégia que contribui com a reflexão sobre a sociedade cabo-verdiana pós-independente e evidencia a ação da autora como intelectual.

Marcelo Antonio Ribas Hauck, Mireille Pacheco França Costa e Maria Odete da Costa Semedo, em “**O testamento do Sr. Napumoceno**: linguagem e efeitos de sentido”, estudam o romance de Germano Almeida como expressão da memória de um país e de seu povo, detendo-se sobre a crítica social e política às ilhas de Cabo Verde nos primórdios da independência e mostrando como usa o humor, a mordacidade e a sátira como formas de denúncia de uma suposta hipocrisia. Exploram, na obra, sua perspectiva rizomática. Observam o ardil utilizado pelo escritor para viajar ao passado, principalmente à infância. Destacam quem fala nessa história, sob a perspectiva Bakhtiniana. Tudo isso com o objetivo de evidenciar como o autor faz o leitor viajar por diferentes espaços de Cabo Verde.

Roberta Maria Ferreira Alves, em “Memórias irônicas de um espírito: a insólita viagem por passados e presentes”, reflete sobre as relações entre memória e história, com o objetivo de chegar a uma melhor apreensão do que se passa no ato da escritura que chamamos memórias literárias. A estudiosa analisa a ironia, o humor e o insólito como instrumentos que nos permitem comparar os objetivos perseguidos pelo romancista e um memorialista, com o objetivo de avaliar se existem grandes diferenças no que se refere ao papel social do escritor no trabalho com a linguagem.

A publicação de mais um número dos **Cadernos CEPUC** de Pesquisa permite acreditar na continuidade da contribuição deste periódico para ampliar as importantes reflexões sobre as literaturas africanas de língua portuguesa no meio acadêmico brasileiro e internacional

TEREZINHA TABORDA MOREIRA